

política

ESPECIALISTAS DEFENDEM AUMENTO DE IMPOSTOS SOBRE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS ULTRAPROCESSADOS COMO FORMA DE REDUZIR O CONSUMO

Sobrepeso também no bolso

Alimentos



Elas estão facilmente ao alcance de todos nas prateleiras dos supermercados, nas lojas de conveniência e até em farmácias. De consumo fácil e rápido, os produtos alimentícios ultraprocessados muitas vezes são usados até para substituir uma refeição. Porém, diferentes estudos já comprovaram que a ingestão excessiva causa danos à saúde e gera ganho de peso devido aos muitos aditivos químicos que contêm, à grande quantidade de açúcar, gordura e sal e à alta densidade energética. Tal hábito pode levar também à obesidade, que, por sua vez, está ligada a pelo menos 15 tipos de câncer. Diante deste cenário, especialistas concordam que é necessário tomar medidas para enfrentar o problema. O aumento dos impostos e a restrição à propaganda poderia elevar o preço final e reduzir a venda desses itens, a exemplo do que ocorreu com o tabaco. Assim como a veiculação de campanhas informativas e mudanças nas embalagens.

“Não vejo outro caminho senão a taxação. Basicamente, esses produtos substituem a alimentação feita em casa, com um custo muitas vezes mais baixo, mas são nocivos à saúde”, diz Leandro Rezende, professor-adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Unifesp. Ele lembra que, em alguns países, a tributação surtiu o efeito desejado. “No México, foram aplicados modestos 10% sobre as bebidas açucaradas. Após o primeiro ano, houve redução de 17% no consumo e um aumento significativo na venda de água”, comenta.

O Brasil, segundo ele, leva vantagem em relação a outros países, uma vez que a propaganda para menores é proibida. No entanto, estratégias de mercado tentam driblar essa restrição. “Alguns produtos são colocados em prateleiras na altura da visão das crianças. É claramente um ambiente onde precisamos avançar no sentido de promover uma alimentação mais saudável”, diz Leandro.

Em sua opinião, as normas adotadas para reduzir o consumo de cigarro servem como modelo para a elaboração de políticas públicas para a área da nutrição. “Foram várias medidas tomadas, como a rotulagem adequada com informações muito claras e a proibição do fumo em ambientes fechados”, argumenta. O professor propõe ainda o subsídio à venda de frutas e hortaliças e de alimentos *in natura*, ou minimamente processados, como meio de frear a venda de ultraprocessados.



“Não vejo outro caminho senão a taxação. Basicamente, esses produtos substituem a alimentação feita em casa, com um custo muitas vezes mais baixo, mas são nocivos à saúde”

LEANDRO REZENDE, professor-adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Unifesp

NÚMERO DE OBESOS MAIS QUE DOBROU

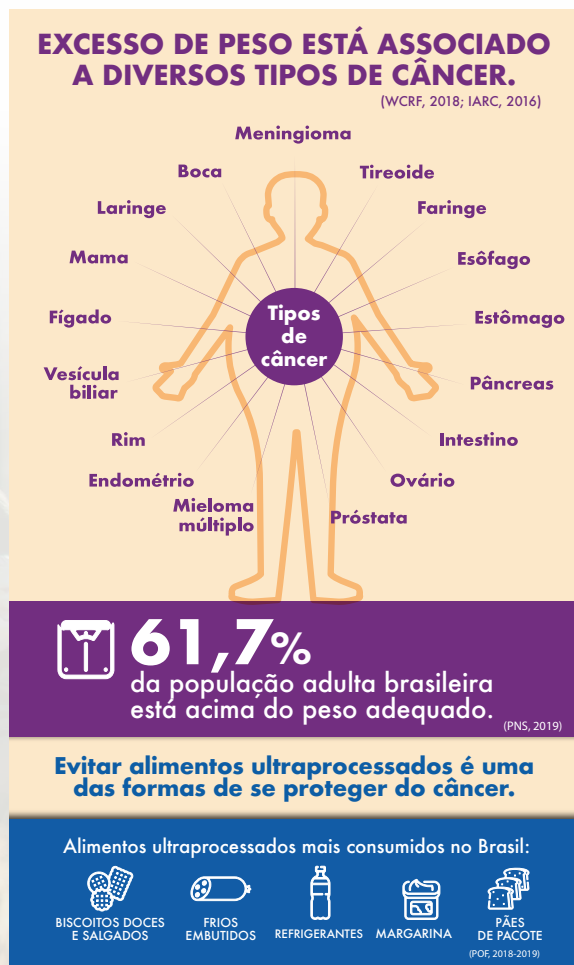
De acordo com a última edição da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada em outubro passado, o percentual de obesos em idade adulta no País mais que dobrou em 17 anos, saltando de 12,2%, entre 2002/2003, para 26,8% em 2019. O estudo, realizado pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde, concluiu que um quarto da população brasileira com 18 anos ou mais era portadora da doença, o equivalente a 41,2 milhões de pessoas. No que diz respeito ao excesso de peso, o número subiu de 43,3% para 61,7% no mesmo período.

Para chegar a esse resultado, o IBGE considerou edições anteriores de outro levantamento, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada em 2002-2003, 2008-2009 e 2017-2018. Ela indica que alimentos *in natura*, ou minimamente processados, e ingredientes culinários processados vêm perdendo espaço na despensa dos brasileiros para



“Os dados da PNS 2019 só reforçam e mostram que ainda precisamos avançar em políticas e ações para o enfrentamento da obesidade”

THAINÁ MALHÃO, da Coordenação de Prevenção e Vigilância do INCA



alimentos processados e, principalmente, produtos ultraprocessados.

Também em outubro passado, o INCA lançou o *Terceiro Relatório de Especialistas* do WCRF/AICR (Fundo Mundial de Pesquisa em Câncer/Instituto Americano para Pesquisa em Câncer). As duas instituições financiam pesquisas científicas, analisam estudos disponíveis mundialmente e emitem pareceres globais sobre como reduzir o risco de tumores. Para adequá-las ao contexto brasileiro, foi acrescentado o posfácio *Alimentação, nutrição, atividade física e câncer: uma análise do Brasil e as recomendações do INCA*. O documento é direcionado a profissionais de saúde.

Os dados utilizados no estudo são da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, uma vez que ficou pronto antes da divulgação da PNS 2019. O lançamento da publicação estava previsto para março de 2020, mas foi adiado devido à pandemia de Covid-19. “Os dados da PNS 2019 não invalidam o conteúdo e as reflexões apresentadas no documento. Pelo contrário, só reforçam e mostram que ainda precisamos avançar em políticas e ações para o enfrentamento da obesidade”, avalia a nutricionista Thainá Malhão, da Coordenação de Prevenção e Vigilância do INCA.

Segundo ela, que comparou as duas edições da pesquisa, o percentual de obesos com 18 anos ou mais, no País, cresceu de 20,8% (30,1 milhões de pessoas) para 25,9% (41,2 milhões). No mesmo período, a população brasileira com excesso de peso passou de 56,9% (82,4 milhões) para 60,3% (95,9 milhões). Os números são preocupantes, de acordo com Thainá, já que pelo menos 15 tipos de câncer estão associados ao excesso de gordura corporal, como aponta o relatório lançado pelo INCA.

IMPORTÂNCIA DE MANTER HÁBITOS SAUDÁVEIS

O Instituto também elaborou uma série de infográficos, voltados para o público em geral, que tratam da importância de se manter hábitos alimentares saudáveis. Mas, para Thainá Malhão, entre as recomendações e uma mudança efetiva existe um longo caminho. Mesmo porque, questões como padrão alimentar, composição corporal e prática de atividade física são muitas vezes influenciadas por fatores ambientais, culturais e socioeconômicos.

Para ela, o cardápio ideal é composto de alimentos frescos, de origem vegetal, pouco processados, sazonais e produzidos localmente. No geral, a dieta do tipo mediterrânea atende a tais



recomendações. Mas, de acordo com a nutricionista, atualmente as populações da maioria destes países não estão seguindo a orientação. “Aqui no Brasil observamos uma tendência similar. Estamos reduzindo o consumo do nosso tradicional arroz com feijão e aumentando o de produtos ultraprocessados”, diz.

Contudo, ela acredita que o amplo conhecimento da população, políticas e ações exitosas de incentivo, apoio e proteção – como o aumento de impostos sobre os ultraprocessados –, são capazes de provocar mudanças a favor de práticas mais saudáveis, assim como aconteceu com o tabagismo.

Em 2018, os gastos federais diretos do SUS com tratamento oncológico ultrapassaram R\$ 3,5 bilhões. “Aproximadamente 15%, ou seja, mais de R\$ 537 milhões, foram atribuídos à má alimentação, ao consumo de bebidas alcoólicas, à inatividade física, ao excesso de peso corporal e ao não aleitamento materno, e poderiam ser evitados com o controle dessas exposições”, afirma Thainá Malhão.

AVANÇO DA DOENÇA

Os dados mais recentes sobre obesidade divulgados pelo IBGE não surpreenderam o professor Leandro Rezende. Há 14 anos, ele acompanha a pesquisa anual Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), financiada pelo Ministério da Saúde. E afirma que, com base nas informações obtidas desde então, já era possível perceber o avanço do ganho de peso em adultos. “Em 2006, o percentual da população com excesso de peso, que é o IMC [Índice de Massa Corporal] acima de 25, era de 42,6% e passou para 55,4%. A obesidade aumentou de 11,8% para 20,3% no mesmo período”, comenta ele.

A Vigitel mostra o perfil da população brasileira em relação às doenças crônicas mais comuns. São entrevistados, por telefone, adultos acima de 18 anos, em todas as capitais e no Distrito Federal. Para a 14ª edição, foram ouvidas 52.443 pessoas, residentes em domicílios com telefone fixo.

No Brasil, a obesidade e o excesso de peso têm sido combatidos com a ajuda de programas bem-sucedidos. Leandro Rezende destaca o *Guia Alimentar para a População Brasileira*, lançado em 2014 pelo Ministério da Saúde. “É um trabalho que revolucionou a forma como lidamos com a nutrição na saúde pública e que vem sendo copiado pelo mundo. É um documento que traz um ponto positivo no enfrentamento à obesidade.”

A discussão sobre o aumento de impostos sobre os ultraprocessados está aberta e poderá ser levada ao Congresso Nacional. Leandro Rezende reconhece, no entanto, que o caminho não será fácil devido a pressões e interesses da indústria. Na lista, estão produtos congelados, molhos e temperos prontos, macarrão instantâneo, cereal matinal, iogurtes com sabor, biscoitos doces e salgados, frios e embutidos, refrigerantes, refrescos, margarinas, pães de pacote, bebidas açucaradas e *fast-food* em geral.

“O *Guia Alimentar para a População Brasileira* é um trabalho que revolucionou a forma como lidamos com a nutrição na saúde pública e que vem sendo copiado pelo mundo. É um documento que traz um ponto positivo no enfrentamento à obesidade”

LEANDRO REZENDE, professor-adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina da Unifesp

ANVISA APROVA MUDANÇAS EM RÓTULOS

Depois de seis anos de discussão, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou, por unanimidade, mudanças nos rótulos nutricionais de produtos industrializados. A medida pode ser considerada um avanço no controle da obesidade e do excesso de peso. Além de padronizar a exibição das informações, a novidade é que, ao lado do desenho de uma lupa, haverá dados claros sobre o alto teor de ingredientes prejudiciais à saúde, como gordura, sódio e açúcar. O símbolo de advertência estará localizado em destaque na frente da embalagem com o objetivo de facilitar a visualização do consumidor.

Atualmente, não há padrão de fonte, cor ou tamanho para a apresentação da tabela nutricional, o que dificulta a leitura e o entendimento acerca dos ingredientes. A nova norma aprovada pela Anvisa entrará em vigor em outubro de 2022. Os produtos que se encontrarem no mercado neste momento terão um prazo de adequação de 12 meses. Para as bebidas não alcoólicas em embalagens retornáveis, o limite é de até 36 meses.

A diretora do Departamento de Obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), Maria Edna de Melo, acredita que, com os novos rótulos, o consumidor acabará escolhendo produtos mais saudáveis. “Ou deixarão de comprar os que são menos. Porque, na maioria dos casos, a pessoa não sabe o que está consumindo”, comenta.

Para ela, o aumento do número de obesos no País a partir de 2013 evidencia a gravidade do problema e reforça a necessidade de mudanças para que não haja impacto na saúde pública. “Quando esses índices crescem, eles são só a ponta do iceberg, porque, em



“É preciso melhorar a alimentação escolar e taxar as bebidas açucaradas. Acredito que isso deva ser estendido a todos os ultraprocessados, que são altamente palatáveis, estimulam o maior consumo e, conseqüentemente, levam à maior ingestão calórica”

MARIA EDNA DE MELO, diretora do Departamento de Obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM)

seguida, surgirão outras doenças. Desde 2017, recebemos, anualmente, um ou dois adolescentes com diabetes tipo 2, que é associada à obesidade. Isso demonstra que os pacientes não estão só ganhando peso”, atesta Maria Edna. “É preciso melhorar a alimentação escolar e taxar as bebidas açucaradas. Acredito que isso deva ser estendido a todos os ultraprocessados, que são altamente palatáveis, estimulam o maior consumo e, conseqüentemente, levam à maior ingestão calórica”, diz.

Em sua opinião, o acesso fácil a esses produtos é determinante para o aumento da obesidade. “Há um ambiente que favorece isso. Você imagina o brasileiro que mora na periferia, sai às 5 da manhã de casa e chega às 7 da noite. E a mulher, que hoje tem um papel importante na economia da casa? Quer queira, quer não, na maioria das vezes, é ela quem vai cozinhar quando chegar. É muito mais fácil colocar um alimento congelado no forno”, diz.

